

977
21-22/4/97 B-24
15

Pecuária recupera solos na Amazônia

por Raimundo José Pinto
de Belém

A pecuária, que por muitos anos foi apontada como responsável por grande parte dos desmatamentos ocorridos na Amazônia, está sendo utilizada agora para recuperar as vastas extensões de pastagens degradadas, com elevada rentabilidade para os produtores. Isso está sendo possível graças a um trabalho desenvolvido pelos pesquisadores da Embrapa da Amazônia Oriental, com sede em Belém, conhecido como sistema de pastejo intensivo rotacionado e que já sendo aplicado em várias propriedades rurais da região, com a vantagem de aumentar a receita do pecuarista em até 150%.

“Nossa proposta é multiplicar por quatro o atual rebanho da Amazônia sem derrubar nenhuma árvore, apenas com a recuperação das áreas de pastagem degradada”, garante o pesquisador Norton Amador da Costa, coordenador da pesquisa. Nesse sistema, a receita líquida do produtor pode ficar entre R\$ 260 e R\$ 400 por hectare ao ano, quando a média nacional sem a utilização de alta tecnologia é de R\$ 130.

Em função da pecuária, foram derrubados em torno de 25 milhões de hectares de floresta na região nos últimos 40 anos. Segundo Norton, cerca de 15 milhões das pastagens implantadas nessas áreas hoje estão degradadas ou em avançado processo de degradação. A região amazônica tem hoje em torno de 26 milhões de cabeças de gado, algo como 17% do rebanho nacional.

Segundo Luiz Otávio de Moura Carvalho, outro pesquisador da Embrapa de Belém, nesse sistema está sendo obtida a redução da idade média de abate de bovinos de 3,5 anos para 2,5 anos, com peso vivo superior a 480 quilos. E o aumento da capacidade de suporte de pastagens cultivadas de 0,5 para 5

cabeças por hectare ao ano, além do aumento de ganho de peso vivo por hectare ao ano podendo chegar a até 1.000 quilos. O búfalo é ainda mais precoce, chegando a atingir 450 quilos com apenas 18 meses de vida, informa Norton da Costa.

A baixa rentabilidade da pecuária de corte obtida nos sistemas tradicionais de criação tem afastado alguns criadores, pressionados pela estabilização do preço da carne, pelos juros elevados, pela oferta de outras fontes de proteína animal e pela criação de mercados comuns, informa Norton da Costa.

Esses sistemas tradicionais acabam levando à degradação dos pastos, com a diminuição da capacidade de suporte e elevação progressiva dos custos de produção para o controle de plantas invasoras.

No sistema desenvolvido pela Embrapa, as áreas degradadas são fertilizadas à base de nitrogênio, fósforo e potássio, o tradicional NPK. O pasto é dividido em piquetes semelhantes para a plantação de gramíneas, sendo utilizada a variedade conhecida como braquiarião. O ciclo de pastejo do gado se completa em 36 dias, com a permanência dos animais por três dias em cada piquete, com 33 dias de descanso do pasto para recuperação do capim.

O sistema intensivo de pastejo rotacionado começou a ser aplicado há quatro anos numa área de sete hectares localizada na área da Embrapa em Belém. Mas já está sendo aplicado em parceria em várias propriedades rurais particulares, inclusive na região de Paragominas, no Pará, pioneira na implantação de pastagens na Amazônia com a utilização de recursos dos incentivos fiscais da Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (Sudam) e que concentra algumas das maiores áreas de pastagens degradadas. ■